

A libertação fóssil

Um comentário de Dagmar Henn.

São puro jogo do diabo, combustíveis fósseis, pelo que a convicção actualmente expressa por muitos deve ser banida o mais rapidamente possível e a todo o custo. Se necessário, essas afirmações podem ser repetidas vezes encontradas, é preciso recorrer a carroças de burro ou a bicicletas de transporte, sendo que a principal coisa é já não haver carvão, nem gás, nem gasolina. Tudo o que teríamos de fazer seria limitarmo-nos a nós próprios, prescindir, então isso funcionaria.

Tais fantasias pressupõem duas espécies de ignorância completa - sobre o significado histórico da descoberta das energias fósseis e sobre os pré-requisitos logísticos de uma sociedade moderna. Porque nenhum dos defensores desta opinião gostaria realmente de trocar suas vidas por aquelas que eles teriam que levar no tempo antes do uso de combustíveis fósseis, uma vida como no início do século XIX.

Nessa altura, pelo menos na Alemanha, a utilização da hulha estava ainda a dar os primeiros passos; a utilização do petróleo bruto foi apenas um desenvolvimento no século XX. O transporte ocorria na água, por força animal ou mesmo por humanos; o estado puro de inocência, por assim dizer. As bombas das minas eram operadas por cavalos que passavam a vida inteira correndo em círculos, as barcaças que queriam viajar contra a corrente eram frequentemente puxadas a montante pela força humana.

Nove décimos da população viviam em zonas rurais e trabalhavam na agricultura. A maioria das explorações agrícolas, se é que se pode dizer que, na perspectiva actual, tinham, no máximo, dois hectares de terra arável, terra insuficiente para manter os animais de tracção, razão pela qual a charrua tinha de ser puxada sozinha; dependendo da região, também não eram agricultores, mas trabalhadores diurnos ou mesmo servos - a servidão não desapareceu finalmente na Alemanha até 1918.

Era difícil assegurar a sobrevivência com os meios disponíveis; os fertilizantes químicos ainda eram desconhecidos, e os fertilizantes orgânicos só eram acessíveis àqueles que podiam possuir significativamente mais terra. Mas sim, essa existência era quase um ideal de sustentabilidade; as pessoas morriam de fome ou morriam de todo tipo de infecções, mas não havia resíduos plásticos nem resíduos de antibióticos.

Durante séculos, foi a limitação da energia disponível que impediu um desenvolvimento mais rápido. Uma mistura de acaso e necessidade garantiu que estes limites fossem quebrados. Três descobertas diferentes entrelaçaram-se, todas elas ocorridas em Inglaterra. A razão para isso era a necessidade - para muitos propósitos era necessário carvão vegetal naquela época; a Inglaterra teve que importar a maior parte da madeira para o carvão vegetal, que se tornou muito caro como

resultado, então eles tentaram mudar para carvão vegetal. Bombas eram necessárias para extrair o carvão, e a máquina a vapor foi, antes de tudo, uma invenção para operar bombas de mina.

No entanto, a hulha não podia ser utilizada para todos os fins porque continha enxofre. Este não era apenas um problema para a produção de ferro; a cevada torrada em hulha estraga a cerveja devido ao seu sabor a enxofre. Foram os fabricantes de cerveja que descobriram como fazer coca com carvão. Quando este novo combustível foi então utilizado no alto-forno, o ferro tornou-se mais barato; suficientemente barato para a primeira ponte de ferro a ser construída em Shropshire no final do século XVIII, o que alguns anos antes teria sido um desperdício excessivo de um material valioso. O carvão, as máquinas a vapor e o ferro barato foram a trindade que impulsionou a revolução industrial. Ferrovias e barcos a vapor são os seus filhos.

Eles criaram as condições que fizeram as metrópoles crescerem e as distâncias diminuírem; nenhum daqueles que hoje gostam de se ver como cidadãos do mundo percebe que isso seria impossível se o seu movimento fosse limitado à velocidade do início do século XIX, geralmente ao seu próprio ritmo.

O segundo grande impulso ao desenvolvimento industrial foi a introdução da electricidade. As fábricas cujo fornecimento de energia se baseava em motores a vapor não podiam ser construídas de acordo com o processo de produção, mas tinham de seguir a estrutura do fornecimento de energia - o movimento do pistão da máquina a vapor era transmitido às máquinas individuais por veios e correias, que não podiam ser libertados.

Com motores elétricos isso era diferente, só então foi possível uma invenção como a linha de montagem (que, por sinal, veio do matadouro de Chicago e foi acionada lá por uma constante falta de mão de obra).

Nesses tempos pré-fósseis supostamente paradisíacos, o crescimento das cidades encontrou um limite natural. Roma, a primeira cidade com mais de um milhão de habitantes na antiguidade europeia, ainda precisava de um império inteiro para encher suas bocas famintas, mas já precisava de um amplo abastecimento de água e restrições de tráfego. Londres, que foi a primeira cidade europeia nos tempos modernos a ultrapassar novamente esta barreira, é uma cidade portuária e poderia ser abastecida a partir do interior por uma extensa rede de canais - o mesmo se aplica, aliás, às grandes cidades chinesas. Foram os caminhos-de-ferro e, mais tarde, os camiões que tornaram possível o nascimento de cidades com dez, vinte ou mesmo trinta milhões de habitantes, mesmo ao largo da costa ou de rios navegáveis. A urbanidade, tal como a conhecemos hoje, simplesmente não é possível sem a libertação fóssil.

A ideia de que as cidades de hoje podem ser abastecidas com carroças puxadas a cavalo ou carroças de burro é absurda. Não só não há cavalos ou burros suficientes para puxar as carroças, ou coachmen para dirigi-las; os cavalos existentes também não pertencem àquelas raças que são adequadas para tais atividades. Cavalos de cervejaria e cavalos de campo têm pouco a ver com

os objetos de saudade das garotas burguesas, e as relações das pessoas com os animais de trabalho têm pouco a ver com o amor dos animais que são cultivados hoje em dia; as adagas escanzeladas e as moreias de olhos claros e brilhantes gastas são mais prováveis de serem encontradas em sociedades que dependem da força física dos animais de tração e os usam até o último segundo.

Os amantes dos animais de hoje desmaiariam de horror; seu afeto vem mais de Maria Antonieta e seu cordeirinho do que da relação de sangue frio com o animal da fazenda. Na verdade, a ausência de animais de fazenda na vida cotidiana é a base para a forma generalizada de amor animal hoje em dia, incluindo os seus crescimentos veganos. Como o cosmopolita, é através e através de um produto da sociedade fóssil.

Mas voltemos ao nosso paraíso rural. A maioria dos habitantes seria pobre ou mesmo em cativeiro; apenas uma pequena parte teria o padrão de vida que hoje fantasiamos para o início do século XIX, porque o conhecemos dos filmes e livros. A vida de pobreza rural só pode ser encontrada em algumas histórias pré-março, ou em pequenas pérolas como a "Schulmeisterlein Wutz" de Jean Paul, que teria gostado de ter todas as grandes obras do Iluminismo em sua estante, mas tem que escrevê-las ele mesmo porque não pode pagá-las... As relações de inclinação, aliás, eram a exceção naquele tempo; onde a terra estava envolvida, era casada depois dos campos, o que ainda era comum em algumas regiões bem no século XX.

A nobreza casada segundo o livro genealógico, a burguesia segundo as posses, os servos apenas segundo a permissão dos senhores; o casamento por amor é uma conquista da classe trabalhadora, pelo que o casamento componente era um dever apenas para o Estado. Não só o nível de vida, mas também o grau de liberdade pessoal estão intimamente ligados ao chamado desenvolvimento das forças produtivas.

Enquanto nove em cada dez estiverem preocupados em eliminar do terreno os seus meios de subsistência, até mesmo a alfabetização permanece incompleta; de que serve isso? Foi a mecanização da agricultura que nos libertou dessa frente; hoje, menos pessoas são agricultores do que escolheram de livre vontade, e dez anos de escolaridade são o limite inferior da habitual educação social...

Em outro lugar, há um debate social sobre quantas horas de trabalho as pessoas devem gastar quando o próximo salto no desenvolvimento da produtividade for implementado; se você perceber que todos os principais sistemas de navegação (incluindo o monstro amazônico) são instrumentos disfarçados de planejamento econômico; se você estiver confiante de que alternativas verdadeiramente poderosas ao carvão e ao petróleo estão sendo desenvolvidas; se você tiver uma visão de um futuro que trará uma vida melhor para a maioria das pessoas. A burguesia alemã está olhando para trás, não pela primeira vez, desejando à multidão o século XVIII, mas esperando permanecer no século XXI. Isto está de acordo com uma oligarquia que gosta de voltar atrás na roda da história, porque entretanto, não só politicamente mas também tecnicamente, o

próximo passo da humanidade irá passar por cima dela, e cuja paixão por fazer da educação, saúde, água e ar a base do lucro anda de mãos dadas com a tentativa de conter as forças de produção (raramente há taxas de investimento inferiores às actuais).

Porque a questão de quem produz o quê por quem não se pode perguntar, e porque toda expectativa de um futuro positivo conduz inevitavelmente ao limiar do sistema imobiliário de hoje, porque tem que ser feita como se os interesses corporativos fossem invioláveis, toda perspectiva para o amanhã se escurece e se promove uma amarga moral de renúncia, que não é de modo algum inferior aos famosos sermões de jejum dos agostinianos.

A própria revolução industrial é declarada pecado e, em vez de melhorar a sociedade, é a busca de uma alma imaculada, vegana e penitente, declarada um ideal humano.

Seria mais do que tardio exigir de novo um futuro; exigir uma vida boa para todos aqueles que são enganados com pensões de pobreza e salários baixos; um sistema educativo funcional, uma infraestrutura moderna, uma administração pública capaz de cumprir as suas tarefas; a lista é longa e está a aumentar de dia para dia. A humanidade teria que renunciar a uma coisa acima de tudo - a classe de oligarcas que a engordam e a cobrem com guerras.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Mike Fuchslocher/ Shutterstock

+++

KenFM se esforça para obter um amplo espectro de opiniões. Artigos de opinião e contribuições de convidados não precisam refletir o ponto de vista editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre opções de suporte podem ser encontradas aqui: <https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos ajudar com Bitcoins.

